

A EMANCIPAÇÃO FEMININA EM *ANGÉLICA*, DE LYGIA BOJUNGA

Autora: Aline Ryama Réges Gomes
Coautor: Vinícius da Costa Silva Cabral Leite
Orientadora: Etiene Mendes Rodrigues

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar a obra *Angélica* (1975), de Lygia Bojunga, com atenção especial para o modo como as personagens femininas, Angélica e Jandira, são construídas. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram utilizadas obras de Vera Maria Tietzmann Silva (2009), Maria Marlene R. da Silva (2000), Paula Franciele Domingues (2011), Flávia Castro Souza (2009) e Maria Luiza Batista Bretas Vasconcelos (2001) para referenciar a formação da Literatura Infantil Brasileira, e a relação de Lygia Bojunga com a Literatura Infantil Brasileira. Também foram utilizadas as reflexões de Castells (2000), Scott (1995) e Rezende (2015) para fundamentar as discussões sobre gênero, feminismo e patriarcalismo. A forma como Lygia Bojunga aborda essas temáticas em sua obra, com linguagem e elementos próximos ao universo infantil, facilita para a criança o entendimento e a capacidade de análise do mundo a sua volta. Dessa forma, Bojunga mostra que tratar desses e de outros temas é também papel da literatura infantil.

Palavras-chave: Emancipação feminina. *Angélica*. Personagem. Lygia Bojunga.

INTRODUÇÃO

Lygia Bojunga iniciou sua produção literária durante um período em que a literatura infantil e juvenil estavam passando por um aumento significativo, tanto em termos de quantidade quanto da qualidade. Atualmente, a autora possui vinte e três livros publicados, cujo valor literário é reconhecido internacionalmente.

Este trabalho tem como objetivo analisar a obra *Angélica* (1975), de Lygia Bojunga, com atenção especial para o modo como as personagens femininas, Angélica e Jandira, são construídas. A escolha desse *corpus* se justifica por vários motivos: primeiro, por ser Lygia Bojunga uma das autoras mais representativas da literatura infantil e juvenil brasileira; segundo, por reconhecer em *Angélica* uma obra literária de valor inquestionável; e terceiro, por perceber nas personagens Angélica e Jandira um “modelo” de mulher que questiona os valores estabelecidos socialmente, sobretudo, no que diz respeito ao modo como as mulheres deveriam se comportar.

A metodologia utilizada para produção deste trabalho consistiu em uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, dividida em: revisão literária da obra de Lygia Bojunga para escolha do *corpus* da pesquisa; posteriormente, passou-se à leitura de material teórico e crítico, pertinente à temática selecionada; seguindo-se à análise da obra escolhida, tendo em vista a realização dos objetivos estabelecidos.

Na primeira seção, há uma apresentação da autora, Lygia Bojunga Nunes, de sua obra e da importância desta para a literatura infantil e juvenil, bem como uma explanação de *Angélica* (1975) para uma melhor compreensão da obra que é o centro dessa discussão e que será abordado nas seções seguintes. Esta seção foi baseada nas reflexões de Domingues (2011), Silva (2000), Souza (2009), Vasconcelos (2001) e Silva (2009).

Na segunda seção, é feita uma discussão teórica acerca dos temas a serem analisados em *Angélica* (1975): gênero, feminismo e patriarcalismo, fundamentação esta feita a partir da leitura dos autores Castells (2000), Guedes (1995), Rezende (2015) e Scott (1995).

A terceira seção, por sua vez, consiste na análise das personagens femininas Angélica e Jandira, tendo em vista sua construção e emancipação feminina frente às situações por elas vivenciadas.

Tendo em vista a importância de se trabalhar na contemporaneidade questões como feminismo, patriarcalismo e gênero, este trabalho se propõe, a partir da obra *Angélica* (1975), de Lygia Bojunga, problematizar e buscar compreensões acerca destes conceitos e práticas, buscando maior entendimento a respeito da formação dos gêneros, da condição da mulher na sociedade atual e os impactos do patriarcalismo nas relações entre gêneros, considerando a originalidade e maestria da autora em tratar desses assuntos no universo infantil.

1. LYGIA BOJUNGA NUNES E SUA PRODUÇÃO

Lygia Bojunga Nunes iniciou sua produção como escritora de livros infantis na década de 70, do século XX, e destacou-se pela originalidade e qualidade literária. Antes de dedicar-se à produção literária, Bojunga teve uma carreira profissional como atriz, em nome de sua paixão pelo teatro, deu aula para crianças e ainda atuou anos no rádio e na televisão.

A obra de Lygia Bojunga é composta por 23 títulos que rederam-na prêmios reconhecidos mundialmente: *Os colegas* (1972), *Angélica* (1975), *A bolsa amarela* (1976), *A casa da madrinha* (1978), *Corda bamba* (1979), *O sofá estampado* (1980), *Tchau* (1984), *O meu amigo pintor* (1987), *Nós três* (1987), *Livro, um encontro* (1988), *Fazendo Ana Paz* (1991), *Paisagem* (1992), *6 vezes Lucas* (1995), *O abraço* (1995), *Feito à mão* (1996), *A cama* (1999), *O Rio e eu* (1999), *Retratos de Carolina* (2002), *Aula de inglês* (2006), *Sapato de salto* (2006), *Dos vinte I* (2007), *Querida* (2009) e *Intramuros* (2016).

1.1 SOBRE A AUTORA

Lygia Bojunga Nunes nasceu em Pelotas, no dia 26 de agosto de 1932 e cresceu na zona rural. Os primeiros anos de sua vida foram vividos em uma fazenda de sua família, no entanto aos oito anos de idade estabeleceu-se no Rio de Janeiro. Em 1951 Lygia Bojunga teve contato direto com a Arte tornando-se atriz em uma companhia de teatro que buscava levar a arte para o interior do Brasil.

Somente a partir de 1972 é que Lygia Bojunga viria a iniciar sua produção como escritora de livros infantis. Não somente ela inicia suas atividades neste campo, como também

diversos autores de renome iniciam e publicam nesta década, como Ana Maria Machado, Sylvia Orthof, Ruth Rocha, entre outros.

A nova literatura infanto-juvenil se desprende do ato de trazer, em suas narrativas, estereótipos e doutrinas regularizadoras e normalizadoras que esquadrihavam “educar” as crianças, o que propõe uma nova problematização através dos textos, onde se encontram críticas severas à sociedade brasileira, como diz Domingues (2011, p. 38), críticas aos “valores autoritários, conservadores e maniqueístas”.

Dentro desta nova fase da literatura infantil, Lygia Bojunga é um dos maiores nomes nacionais como também em âmbito mundial. Vemos a importância, a influência e a grande recepção do público através dos prêmios recebidos pela autora, prêmios nacionais e internacionais, como relaciona Domingues (2011, p. 46 - 47):

Prêmio Jabuti (1973) – *Os colegas* (...); Prêmio Hans Christian Andersen (1982), pelo conjunto de sua obra (...); Prêmio Jabuti (1993) (...) – *Fazendo Ana Paz*; Prêmio Jabuti (1997) (...) – *Seis vezes Lucas*; ALMA (2004) (...), pelo conjunto de sua obra; (...); Prêmio *Faz diferença* (2004) – personalidade literária do ano – *O Globo* etc. Lygia Bojunga foi a primeira escritora fora do eixo Europa-Estados Unidos a receber a medalha Hans Christian Andersen, considerada o prêmio Nobel dos autores para a infância e juventude de todo o mundo.

As obras de Lygia Bojunga destacam-se pela qualidade literária, originalidade e criação em alto nível. São inúmeros os trabalhos acadêmicos voltados para sua obra, em linguagem própria, em criatividade, em personagens, enfim, quase todas as características de sua obra são alvo de estudos e mais estudos em busca de uma maior compreensão de sua genialidade.

Compreendendo que o universo infantil e juvenil é diferente do adulto, Bojunga não limita seus escritos ao espaço real. “Sua ficção não se enquadra na linha do veríssimo, mas avança pelo reino vasto da fantasia, num equilíbrio feliz, capaz de deleitar igualmente leitores jovens e adultos.” (SILVA, 2009, p. 137)

1.2. ANGÉLICA

Segundo a divisão de Silva (2009, p. 155), a obra *Angélica* (1975) se encontra na primeira fase da autora, a “fase luminosa”. Como a mesma coloca é uma fase “(...) ensolarada, otimista, transitando livremente do plano da realidade ao da fantasia, com os personagens animais (...) ou com a convivência de humanos e animais (...)”.

Vale salientar que uma das particularidades criativas de Lygia Bojunga é a utilização de diversas personagens como protagonistas, ampliando a participação em alguns pontos e transitando entre o *foco*. *Angélica* (1975) segue esta estrutura, iniciando com o foco no Porco/Porto e, posteriormente, a ênfase é dirigida para Angélica.

2. SOBRE GÊNERO E PATRIARCALISMO – BREVE APRESENTAÇÃO

Os modelos de domínio, com gênese nas discussões de gênero, constituem uma realidade que tem impacto, sobretudo, para as mulheres e que só é possível ser compreendido dentro de um contexto sócio-histórico-cultural, levando em consideração a complexidade entre sociedade e individualidade, bem como entre relações de gênero e vida social. Gênero aqui entendido como “um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos... o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.” (SCOTT, 1995, p.86)

A partir de uma leitura histórica, percebe-se a construção do sujeito homem como detentor do poder político nos relacionamentos públicos e privados. Relações de poder são construções históricas determinadas pela sociedade e que são definidas em um espaço-tempo específico. Dessa forma, entende-se que não é uma questão de discernir quem detém poder ou não, mas analisar as condições nas quais esse poder foi efetivado (*idem*, 1995).

Tanto as formas de agir e de ser, quanto às relações de gênero se definem a partir de uma dinâmica entre determinações da estrutura social, da cultura e de ações do indivíduo em sua singularidade. É dessa forma que são construídos os papéis que mulheres e homens assumem perante a sociedade, como bem aponta Guedes (1995).

Destarte, faz-se necessário a discussão de temas que abordem a construção das noções de gênero, assim como o patriarcalismo e o feminismo. O patriarcalismo sendo estabelecido em duas esferas distintas e que se contrapõe, segundo Rezende (2015, p. 21 - 22),

No patriarcado privado, por um lado, o homem, como pai ou marido, encontra-se na posição de opressor e de beneficiário da subordinação das mulheres, sendo seu principal mecanismo a exclusão das mulheres da esfera pública. No patriarcado público, por outro lado, as mulheres têm acesso às esferas pública e privada, ou seja, sua participação política não é impedida formalmente, como no patriarcado privado; entretanto, a subordinação das mulheres persiste em ambas as esferas, havendo apenas a passagem de uma relação de subordinação privada, como a que ocorre no âmbito doméstico, para uma subordinação coletiva, realizada no espaço público e manifestada pelas diferentes formas institucionais assumidas por esses modelos.

Impactando de forma objetiva nas relações políticas, econômicas, sociais e culturais.

O desenvolvimento do feminismo vem justamente questionar as relações estabelecidas através da cultura patriarcal e a imposição desse modelo. Como coloca Rezende (2015, p. 20), “A teoria feminista permite, pois, analisar o patriarcado não apenas como uma forma de dominação tradicional, datada historicamente e fadada a desaparecer na modernidade, mas como um sistema de opressão que permanece e se atualiza”.

De acordo com Castells (2000, p. 211), o feminismo consiste em

(...) o compromisso de por fim à dominação masculina, (...) a essência do feminismo é a redefinição de identidade da mulher (...) uma essência comum subjacente à diversidade do feminismo: o esforço histórico, individual ou coletivo, formal ou informal, no sentido de redefinir o gênero feminino em oposição direta ao patriarcalismo.

O movimento feminista fica assim compreendido como uma busca pela igualdade entre gêneros e pelo espaço da mulher, visando à libertação desta em meio a uma sociedade historicamente patriarcal.

Tendo em vista o movimento feminista como uma redefinição de identidade da mulher e após a leitura da obra de Lygia Bojunga, é possível perceber a influência deste tema para os escritos da autora.

3. ANGÉLICA E JANDIRA – ANÁLISE DAS PERSONAGENS

O desenvolvimento das personagens femininas na obra de Lygia Bojunga ocorre de modo a quebrar os estereótipos das figuras das mulheres e o seu espaço na sociedade. A imagem tradicional da figura feminina dá espaço à emancipação da mesma através da desconstrução dos discursos e da moral relativa ao comportamento padrão adotado pelos sujeitos.

Em *Angélica*, a autora trabalhou de modo enfático a questão da figura da mulher em duas personagens, a central (Angélica) e, posteriormente, talvez de modo mais persuasivo, Jandira. Jandira representa o estereótipo socialmente apresentado das mulheres, submissa ao patriarcalismo do marido, frustrada pela autoridade do mesmo, sendo conduzida a recônditos ínfimos de experiência não-verbal, exemplificada pela falta de expressão da mesma, de modo que ninguém sabia o nome da...: mulher-do-Jota. Dessa forma,

A autora discute questões femininas através da personificação de animais que, de forma alegórica, contrastam com os modelos cristalizados das imagens femininas submissas, sem identidade, dependentes, etc. Bojunga permite, através destas personagens, uma visão mais crítica a respeito da mulher na sociedade, fomenta questionamentos em relação às normas patriarcais e, conseqüentemente, em função das complicações construídas ao longo da narrativa, proporciona ideias edificantes, principalmente ao público a que se destina — o infantojuvenil. (FEITOSA, 2012, p. 1 – 2)

A busca por emancipação das personagens ocorre de modo distinto, Angélica questionadora do mundo que a cerca não aceita aquilo que lhe é colocado/imposto, buscando interpretações outras que se adequem a seus pontos de vista. O assujeitamento, que veremos posteriormente em Jandira, não é colocado da mesma forma quanto a Angélica. Esta busca, explora, quer ver sentido naquilo que transmitem a ela.

3.1 ANGÉLICA

Angélica nasceu cegonha. Já no princípio, é apresentada uma das características marcantes da personagem, sua inclinação à autonomia, na seguinte passagem:

PAI: Não, não, Luneta vem por aqui. Olha, eu vou riscar uma linha com esse giz. Você só vai andar na linha que eu riscar, viu? Pronto, vem.
VÔ: Não é por aí, não, Luneta! Não é nada disso, menina!
LUTERO: Chi, ela não andou na linha!
OS IRMÃOS: Não andou, papai!
(BOJUNGA, 1998, p. 65)

Para Feitosa (2012, p. 10), “Metaforicamente a autora usa a expressão ‘não andar na linha’, que acaba desenvolvendo a individualidade, a particularidade e o caráter diferenciado da cegonha, pelo menos, aos olhos da maioria”.

Angélica nasce em uma família que discursivamente vive em uma redoma, o discurso de que a cegonha é a responsável pela existência dos bebês concede à família um núcleo de conforto, um “respeito” socialmente adquirido através da enunciado. Como coloca o próprio pai de Angélica em um diálogo da peça representada na obra sobre a vida de Angélica:

PAI: Eu sou um chefe de família feliz!
Mãe: Tão feliz!
PAI: Meus filhos me respeitam, meus vizinhos me respeitam, todo mundo me respeita.
(...)
PAI: Aliás, nós somos a família mais respeitada desse lugar.
(BOJUNGA, p. 58)

No princípio Angélica não questionava a situação. De fato ela mesma busca ser entregadora de bebês e pergunta ao avô quando poderá iniciar as entregas, momento exposto no seguinte diálogo:

ANGÉLICA: Vô, que coisa mais legal a gente ser cegonha, não é?
VÔ: Legalíssima.
ANGÉLICA: Trazer tudo quanto é bebê pro mundo – já pensou?
VÔ: Pois é.
ANGÉLICA: Eu acho tão bacana esse negócio de nossa família viver pra baixo e pra cima indo buscar os bebês que estão guardados no céu. E essa história então de trazer eles no bico embrulhadinhos em uma fralda eu acho o máximo – não acha, não?
(...)
ANGÉLICA: Vô, quando é que vou começar a carregar bebês?
(BOJUNGA, 1998, p. 67 - 68)

Primeiro impacto sofrido pela personagem, o avô simplesmente a ignora. Os questionamentos da personagem iniciam a partir deste momento de ruptura entre o universo idealizado e discursivo em que vive e a sua percepção de realidade.

A ruptura de Angélica com o que lhe é colocado, advertido, imposto, gera inúmeros conflitos no interior da personagem e da própria família. De modo que,

Evidentemente, a priori, se constrói um conflito entre esta personagem e sua família, já que se questiona uma ordem estabelecida, representando, assim, o contexto advindo da realidade de muitas famílias; o choque ideológico, a submissão da figura feminina (seja esposa, irmã ou filha) por aquele que simboliza o sexo forte e poderoso – o homem. No entanto, a pequena cegonha mostra-se segura e mesmo sozinha opta pela realização do seu desejo, de viver, de fato, a vida que queria viver. (...) Angélica simboliza, também, o não conformismo diante de uma verdade que ela não acredita, mostrando firme e decidida ainda que ninguém compartilhe de suas crenças (...) (FEITOSA, 2012, p. 9)

A não aceitação do quadro discursivo da família de Angélica a leva a optar pelo “desnascimento”. O fato de não aceitar a conduta da família e a pressão em acolher a verdade dita, aliada ao fato de não aceitarem sua independência e saída de casa, fazem com que Angélica busque uma medida drástica. No livro essa medida é colocada de modo cômico inicialmente, porém, quando da consumação do ato, toda a família volta atrás e “permite”, que Angélica viaje e busque outras alternativas. Episódio relatado na seguinte passagem:

A FAMÍLIA: Viva! A Angélica nasceu de novo. Oi, Angélica! Um abraço, minha filha. Viva! Viva! Pessoal, fica quieto que o papai quer falar com a Angélica.
PAI: Escuta, Angélica, se você quer viajar, se você quer experimentar viver num lugar que não tem cegonha... você pode, viu?
MÃE: O importante é você ser feliz.
(BOJUNGA, 1998, p. 80 – 82)

Angélica mostra ter personalidade forte não se deixando convencer por um discurso que contrastava com seus ideais.

É possível notar que Angélica é uma personagem feminina forte e empoderada, e que traz questões a respeito da busca de igualdade de gêneros. Desse modo,

De um lado, encontramos Angélica, representando a busca da democratização, de igualdade de gênero. Projetando uma inovação aquilo que parece, ainda está cristalizado na sociedade. A mulher, embora já tenha havido grandes mudanças nas relações de gênero e poder, sempre foi vista como inferior e esteve frequentemente numa constante busca de espaço. Muitas vezes, estava/ está envolta sob a autoridade e submissão dos homens,

tendo que ser autorregulada ou adaptar-se a uma estrutura social dominante e injusta. (FEITOSA, 2012, p. 12 - 13)

Dessa forma, é possível notar a necessidade de continuar discutindo esses assuntos, visto que são questões que ainda não foram resolvidas e que se apresentam como um sistema de opressão que se atualiza. (CASTELLS, 2000)

3.2 JANDIRA

A condição autoritária do machismo é, sobretudo, trabalhada na figura do marido de Jandira. Esta, que é casada com Jota, submete-se à ideologia patriarcal e machista do marido. Discorre Souza (2009, p. 114):

“Em consonância com a ideologia dominante, Jota impede que sua mulher exerça um papel realmente ativo na sociedade, enclausurando-a no recinto fechado do lar, de forma que o seu papel fica restrito aos afazeres domésticos”.

A influência que Jota exerce sobre a mulher é de tal forma predominante que esta se enclausura no ambiente desenvolvido pelo mesmo.

A individualidade é totalmente desprezada devido à submissão, Jandira não tem voz ativa mesmo em suas próprias escolhas, a ponto de perder o sentido da expressão. O que fica evidenciado na seguinte passagem:

– Ah, que bom, que maravilha, quero sim! Eu adoro teatro! – E quando acabou de dizer aquilo ficou com vergonha de ter falado tanto e resolveu que era melhor rir e não dizer mais nada. Mas como a fala queria sair, esbarrou no riso que vinha entrando, e a Mulher-do-Jota se engasgou toda. Porto e Canarinho deram umas palmadinhas nas costas dela pra ver se o engasgo passava. O crocodilo não gostou:
– Deixa que eu bato: a mulher é minha. – E bateu com tanta força que o engasgo se apavorou e ficou quieto.
(BOJUNGA, 1998, p. 88)

Jandira, durante a maior parte da obra é apresentada apenas como Mulher-do-Jota. Denominação que demonstra o poder ativo do Jota sobre a esposa, assim como a falta de individualidade e autonomia desta. Jandira pode ser vista como umas das personagens principais da obra no que diz respeito à ideologia machista, sexista e patriarcal.

O desenvolvimento da personagem é marcado por diálogos em que o Jota, esposo de Jandira, arquétipo do machismo, absorve os diálogos para si e opina sobre as possibilidades de vivência de sua mulher. Tal marca é demonstrada no seguinte diálogo:

- Mas eu vou sozinho: minha mulher fica em casa.
 - Ah, Jota! – disse a mulher toda triste. Quis dizer muito mais, mas as palavras trancaram na garganta e só quem conseguiu sair foi uma lágrima pequenininha.
 - Ah, o quê? Lugar de mulher é dentro de casa cuidando dos filhos, pronto, acabou-se! (...)
- (*idem*, p. 89)

As imposições feitas por Jota não se resumem unicamente ao caráter autoritário, Feitosa nos leva a considerar que (2009, p. 12), “O que nos chama atenção, além da personalidade autoritária do crocodilo, é a marca da possessividade em sua fala, sobretudo, em relação à mulher (...)”.

O que fica claro na seguinte passagem (BOJUNGA, 1998, p. 90) “- A mulher é minha, a casa é minha e as panelas são minhas (...)”. Concordamos com Silva (2009, p. 114) quando diz: “Na medida em que ridiculariza o machismo de Jota, Lygia leva o leitor a refletir sobre a condição feminina e o caráter reducionista do sistema falocêntrico”.

A Mulher-de-Jota decide, por fim, se desprender desse papel de subordinada e em ação libertadora revela seu nome e define sua identidade, Jandira. O que é observado no trecho:

- E aí a Mulher-do-Jota se levantou e disse:
- Eu também queria falar uma coisinha. É uma coisinha pequena mas muito importante pra mim.
- Jota largou o espelho e marchou pra mesa: já tinha deixado a mulher trabalhar, já tinha deixado a mulher bolar: discursar ele não ia deixar; de jeito nenhum.
- Quem fala sou eu!
 - Um momentinho, Jota. Um momentinho só. Deixa eu acabar o que eu estava falando. É o seguinte: eu queria dizer pra vocês que eu tenho nome. Um nome que também começa por jota. Que coincidência, não é? Pois é: eu me chamo Jandira. E queria pedir a todos os presentes pra não me chamarem mais de Mulher-do-Jota. Daqui pra frente todo mundo me chama de Jandira, está bem? – Suspirou. Aliviada e satisfeita. – Pronto, era só isso. – Sentou.
- (BOJUNGA, 1998, p. 116)

Essa passagem é de extrema relevância para a compreensão da emancipação de Jandira, visto que, a partir deste momento, a personagem passa a não se submeter mais às imposições machistas de seu marido, Jota.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O patriarcalismo traz uma infeliz herança histórica, carregada de modelos de domínio, que recaem, sobretudo, sobre as mulheres. O homem detinha o poder – tanto na esfera pública, quanto na privada (REZENDE, 2015) – o que colocava a mulher em situação de opressão. O feminismo surge justamente para questionar estas relações estabelecidas pelo

machismo, entendendo-o, não como algo superado, mas como uma cultura que permanece e se atualiza.

Através desta pesquisa, foi possível perceber que em *Angélica* (1975) as personagens Angélica e Jandira passam por um processo de busca pela igualdade entre gêneros, visando à sua libertação em meio às imposições notavelmente patriarcais.

Com este trabalho foi possível analisar como Bojunga trata as questões supracitadas de forma tão criativa e sutil em sua obra, problematizando e construindo perspectivas libertárias que auxiliam no desenvolvimento não só do senso crítico da criança, como também na sua formação como indivíduo.

Vale salientar também a relevância da obra da autora gaúcha para a aprendizagem, considerando as possibilidades de se trabalhar com seus livros em sala de aula.

REFERÊNCIAS

BOJUNGA, Lygia. *Angélica*. Capa e Ilustrações de Vilma Pasqualini. 21.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

_____. *Os colegas*. 50.ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004.

_____. *A bolsa amarela*. 33.ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2003.

_____. *Corda Bamba*. 22.ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2003.

_____. *A casa da madrinha*. 19.ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga. 2004

_____. *O sofá estampado*. 31.ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga 2004.

_____. *Retratos de Carolina*, Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2002.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 2).

DOMINGUES, Paula Francielle. *Lygia Bojunga quebrando “tabus”*. Monografia de Conclusão de Curso de Especialização em Língua Portuguesa e Estudos Literários. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), 2011.

FEITOSA, Heidianne de Almeida. *A (Des)Construção das personagens femininas no romance Infanto-Juvenil Angélica*, de Lygia Bojunga Nunes. 2012. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

GUEDES, Maria Eunice Figueiredo. *Gênero o que é isso?*. Revista do Conselho Federal de Psicologia, Brasília, v. 1,2,3, 1995.

REZENDE, D. L. *Patriarcado e formação do Brasil: uma leitura feminista de Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda*. Pensamento Plural (UFPEL) , v. 17, p. 07-27, 2015.

SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.20, n.2, jul./dez. 1995, p.71-99.

SILVA, Maria Marlene R. da. “*As relações sociais da criança na obra de Lygia Bojunga Nunes*”. In: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, no 5. Brasília: Março de 2000, p. 9-13.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Literatura Infantil Brasileira: um guia para professores e promotores de leitura*. Goiânia: Câne Editorial, 2009.

SOUZA, Flávia de Castro. *Trilogia da Morte: o imaginário em Lygia Bojunga*. Dissertação de mestrado em Letras e Linguística. Goiânia: Universidade Federal de Goiás (UFG), 2009.

VASCONCELOS, Maria Luiza Batista Bretas. *Lygia Bojunga Nunes em três tempos: o processo de sua criação*. Dissertação de mestrado em Letras e Linguística. Goiânia: Universidade Federal de Goiás (UFG), 2001.

Autora: Aline Ryama Réges Gomes – aline_ryama@hotmail.com

Coautor: Vinícius da Costa Silva Cabral Leite – viniciuscleite@gmail.com

Orientadora: Etiene Mendes Rodrigues – etienerodrigues2015@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba – prograd@uepb.edu.br